



GT 055. Povos e Comunidades Tradicionais: estratégias de mobilização política, reconhecimento e luta pela garantia de direitos

Claudina Azevedo Maximiano (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas) - Coordenador/a, Thereza Cristina Cardoso Menezes (CPDA-UFRRJ) - Coordenador/a, Maria Helena Ortolan (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM) - Debatedor/a, Alfredo Wagner Berno de Almeida (universidade Estadual do Maranhão) - Debatedor/a, Maria José da Silva Aquino Teisserenc (Universidade Federal do Pará) - Debatedor/a

O reconhecimento dos direitos dos povos e comunidades tradicionais vigentes a partir da Constituição Federal de 1988 trouxe como desdobramentos políticas específicas, principalmente no que diz respeito à assistência estatal nas áreas de educação, saúde, economia e regularização de terras. Tais direitos foram se consolidando através da ação desses agentes sociais, concretizado nos diversos movimentos sociais que em suas pautas reivindicatórias trouxeram para o cenário político brasileiro as demandas de garantias de direitos específicos e diferenciados. Esse Grupo de Trabalho (GT) pretende reunir pesquisadores interessados em analisar comparativamente, por meio da apresentação de pesquisas a atuação dos agentes sociais, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, artesãos entre outros. As articulações e lutas pelo reconhecimento e por afirmação dos direitos conquistados e, ainda a fragilização e ameaças aos direitos conquistados no atual contexto sociopolítico brasileiro serão os objetos das discussões e reflexões desse GT. O objetivo é refletir e possibilitar discussões sobre as estratégias utilizadas pelos povos e comunidades tradicionais na perspectiva do fortalecimento das lutas pela reafirmação de direitos conquistados, sobretudo o que tange a educação, saúde e a defesa dos territórios tradicionalmente ocupados.

Dos bailes do passado à Festa da Tainha: as festas como estratégia de luta política da Comunidade Remanescente de Quilombo Aldeia, Imbituba/SC

Autoria: Nathália Dothling Reis

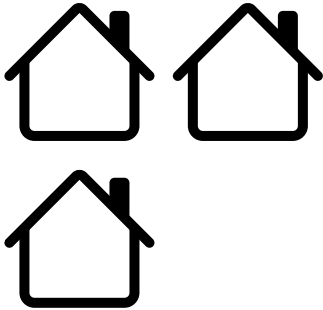
Durante minha pesquisa de mestrado, realizada entre 2016 e 2018, fiz work de campo em duas comunidades quilombolas em Santa Catarina, buscando entender a predominância de mulheres nas lideranças das comunidades quilombolas. Uma das comunidades foi a Aldeia, localizada em Imbituba, litoral sul de SC. Comecei o work de campo na Aldeia com um grande almoço aberto ao público e terminei com a tradicional Festa da Tainha, que já ocorre desde 2004 e atrai pessoas brancas e negras de toda a região de Garopaba, Imbituba e até Florianópolis. Tive a maravilhosa oportunidade de ajudar na organização da festa e percebi o empenho de parte das moradoras e moradores para que a festa se realizasse. Nas conversas com as pessoas dali e também da Toca de Santa Cruz, a outra comunidade que pesquisei, era comum a narrativa sobre a separação entre pessoas brancas e negras nos bailes mais antigos. Em sua dissertação de mestrado sobre os bailes e festas na Aldeia, Ana Lúcia Faria (2013) também traz essas narrativas referentes às separações entre brancos e negros. De acordo com a autora, essa separação é anterior à própria colonização do território brasileiro, começando em Lisboa, quando os negros não eram aceitos pelos brancos nas confrarias e acabaram criando suas próprias instituições. Segundo ela, isso também ocorreu no Brasil; assim, a população



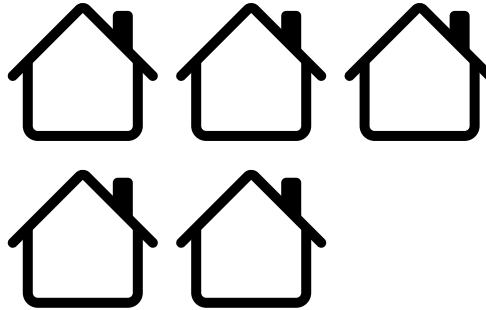
negra sendo excluída das festas brancas, acabou criando suas próprias festividades e irmandades negras, o que também se confirmava nas narrativas de minhas e meus interlocutores da Aldeia e da Toca de Santa Cruz. Dessa forma, os bailes eram espaços de sociabilidade, de manutenção de laços de parentesco, de resistência ao racismo e estabelecimento de relações internas e externas. No caso da Aldeia, que é quase que predominantemente exogâmica, as festas eram também os meios de estimular os matrimônios entre a população negra. De acordo com o que pude vivenciar no work de campo, a Aldeia continua sendo muito festiva e encontra nas festas uma forma de lazer, mas principalmente de resistência e meio de arrecadar fundos para melhorias na comunidade. Portanto, esse work pretende mostrar como a atualização das antigas festas negras na Comunidade Aldeia tornou-se um meio importante de luta política, de mobilização das e dos moradores, de aliança com outras comunidades quilombolas da região e movimentos sociais, uma maneira para lidar com os poderes políticos locais e celebração da resistência histórica ao racismo.



Realização:



Apoio:



Organização:

